

## O Suicida

*José Costa D'Assunção Barros* \*

Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de graduação e pós-graduação em História. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

 <http://orcid.org/0000-0002-3974-0263>

**Recebido** em: 13 out. 2020. **Aprovado** em: 12 dez. 2020.

**Como citar este texto:**

BARROS, José D'Assunção. O Suicida. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 262-266, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10278490>

Quando se decidiu pelo suicídio, Pedro Pião tinha 25 anos. Não precisou mais do que três doses de cachaça para chegar à sua decisão final, definitiva e irrevogável. Estava consumado. Iria acabar de vez com aquele miserê que os outros cismavam chamar de vida. Era demais! Suportara com alguma resignação tudo que se abatera sobre si, até aquele instante. O emprego escravo, as humilhações, a miséria a que se acostumara desde a infância. Até ali enfrentara tudo como alguém que se acostuma a uma pedrinha no sapato, dessas cujo incômodo se incorpora de tal maneira ao normal das sensações que o espírito acaba se afeiçoando a ele. A miséria da sua vida era desse jeito: se fosse de súbito suprimida o corpo estranharia de imediato, como se lhe roubassem um bem muito caro ou lhe arrancassem mesmo uma parte de si.

Por outro lado, aquele deserto de asperezas tinha lá o seu oásis: Rosinha! Rosinha era linda! Todo o morro invejou Pedro Pião no dia de seu casamento com a mulata mais linda que já subira por aquelas bandas. Parecia uma atriz de novela, uma modelo, destas que aparecem coladas nos cartazes de propaganda e que só se materializam nos carros alegóricos da terça-feira de carnaval. O pagode — comida e bebida fartas — foi animado. Todo mundo pensava que Pedro ia ser feliz. Mas agora algo havia mudado. Via-se uma sombra nos olhos do rapaz — algo

---

\*

 [Jose.d.assun@globomail.com](mailto:Jose.d.assun@globomail.com)

daquela coloração secreta que só aparece no rosto dos infelizes e que, de imediato, todos percebem.

Manué Pião chegou na birosca. A essa altura, o irmão já estava no quarto copo — portanto, um, depois do suicídio.

— Ô mano!

Pedro Pião levantou nem os olhos.. Foi logo contando para o irmão mais velho a sua decisão.

— Vou me matar...

Manué ia pensar que era troça, mas viu pelo ar que a coisa era séria.

— Mas... que houve, rapaz?

— Rosinha.

— Rosinha?

— Me traiu...

Manué Pião não podia acreditar. Rosinha, a menina mais recatada do morro. Não! Devia ser um engano.

— Cê tem certeza?

Pedro não respondeu. Puxou mais um gole e foi o suficiente para Manué ver que tinha. Rosinha traíra o mano, por incrível que fosse. Deu um tapa na mesa.

— Então? Vai lá e dá uma surra nela! Expulsa de casa! A vaga...

mas a fala foi interrompida por Pedro, só com a força dos olhos.

— Não fala assim dela!

Manué se acalmou.

— Mas... se ela te traiu...

— Não é por querer. Ela gosta de mim.

— Quem é o sacana?

— Seu Tomaz, dono da birosca de baixo.

— Aquele velho? Pois então? Vai lá e dá uma facada no putu! Todo mundo vai te dar cobertura! Você limpa sua barra, deixa de ser corno, de ser piada pr'os pivetes que chapinham na lama. Vai lá, mano. Eu te ajudo! Sumo com o corpo!

— Não podemos... Seu Tomaz deu dinheiro, pagou a operação de Carlinhos...

Manué Pião uniu idéias. Lembrou. Carlinhos fora operado de uma doença rara. Ninguém soubera como Pedrão arranjar o dinheiro que salvou a vida do filho. Se ele não opera,

não tinha vivido. Ah, sim! Fora Rosinha. Rosinha apareceu no hospital um dia, quando os doutores já estavam quase devolvendo Carlinhos para casa. Não era que o menino estivesse curado — mas é que o hospital não podia ocupar mais aquela cama com o mesmo paciente. Já iam pedir a Pedro que assinasse uma ciência da “alta”, que no fundo era uma baixa, quando Rosinha chegou dizendo que arranjava o dinheiro. Acertara no bicho! Se abraçaram os dois e Carlinhos pôde ficar para ser operado, para a cura de uma doença que os pobres não podem ter, mas que os remediados podiam resolver com uma operação de médio custo. Carlinhos ficou bom, e a família inteira ficou feliz. Manué tinha acabado de juntar as idéias. Viu que então Rosinha fizera aquilo por amor ao garoto, e portanto não podia ser recriminada. Não entendia, mas aceitava.

— Mas, então? Se foi por isso, por causa do Carlinhos, tem perdão. O importante é que ela não te traia mais...

— Mas ela continua...

— Continua o quê?

— Andando com Seu Tomás da Biroasca.

Manué Pião ia explodir. Gritar para o irmão que ele era um corno, quando Pedro continuou.

— Precisa. A medicação é cara.

Manué pensou: É, precisa... Se os remédios paravam, Carlinhos morria. E Rosinha tinha traído o mano por nada. Precisava... Se começou, tinha que ir ao fim. Pelo menos até Carlinhos não precisar de remédios tão caros... Manué não entendia, mas aceitava.

— Mano, então... é ruim dizer: mas você vai ter que dar uma de corno manso.

Pedro fitou o mano mais velho com decisão:

— Isso não!

— Mas, o quê mais? Tem outro jeito?

— Morro...

É. Tinha jeito. Se Pedro morria, Rosinha podia se arrumar com Seu Tomás. Carlinhos se salvava. E o mano Pedro não passava a vergonha de ser corno-manso, nem Rosinha de ser uma vagabunda que traía o marido. Tinha esse jeito.

— Agora eu percebo, mano. Fica mais claro. É... Suicídio! Não digo que entendo. Mas assim, eu aceito.

— Pensei muito. Me mato.

— Quando?

— Isso ainda não sei.

— Amanhã?

— Amanhã não. Tem a decisão do time do Carlinhos... O garotão tá batendo uma bola! Cê acha que o paizão aqui ia perder esse jogo? ... [os olhos de Pedro sorriam. Tomou um gole de cana com tanto gosto que quase se podia jurar que ele era um homem feliz. Complementou: “Esse jogo eu não posso perder!”

— Depois de amanhã, então?

As sombras voltaram. Pedrão pensou. Tomou um gole. Ah! O salário! Depois de amanhã sai o salário!

— Ih, é!

— Então, também não posso! Não vou deixar tudo para aquele sovina do meu patrão. Vou lá e recebo. Depois faço uma farra. E já posso ...

— Bom, mano. Tá na minha hora. Pode deixar que seu segredo tá bem guardado. Tanto o dos chifres, como o da morte. Cê já sabe como vai se matar?

— Já. Só não sei quando...

E tomou o último gole, ou o penúltimo, enquanto o irmão saía da birosca. Pedro Pião ainda ficou mais um tempo, arrumando na cabeça todos os detalhes do seu desenlace. Estava tudo acertado com sua consciência, menos a data. Na quarta estava certo que não ia ser, pois era o batizado do filho do Quintino. Amigo do peito, ia rolar um pagode dos bons...

\*

A decisão do time do Carlinhos foi um sucesso. O garoto bateu a bola! Ganhou o apelido de “Garrinchinha”! Pedro Pião, naturalmente, ria à toa. O batizado na casa do Quintino, na véspera do que seria a sua morte, foi um sucesso. Mas no dia seguinte Pedro ainda não se matou — precisou visitar uma avó. Para na Sexta lembrar que errara, pois a avó que precisava da visita era a outra, mãe de seu pai. Mas iria no Sábado. E como Domingo seu time jogava, adiou o suicídio mais uma vez. E as coisas foram se arrastando, porque sempre aparecia um compromisso, um impedimento, ou uma questão de honra. Pedro Pião chegou mesmo a reformular seus planos: não ia morrer de atropelamento, mas de tomar veneno, que era uma morte mais digna e mais suave. Iria receber uma grana dali a dois dias, podia se dar a esse luxo

— comprar um veneno que não deixasse marcas. Depois do aniversário de Tia Lolita, claro. Se esperara tanto, porque não mais uns dias? Queria se divertir um pouco com Rosinha, para se lembrar dela no Paraíso...

Numa Terça-feira, bem noite, tocou o fone de Manué Pião.

— Lô?

— Manué? Sou eu... Rosinha!

— Ô, cunhada!

Rosinha chorou do outro lado e o gancho trouxe a notícia:

— Teu irmão morreu...

Manué juntou as idéias. Ah! O suicídio. O mano adiará tanto, mas tantas vezes tantas, que ele quase se esquecera.

— Já sei! Ele se matou, não foi?

— Se matou? Isso não é hora de brincadeira, Manué!

— Não se matou? Mas então, morreu de quê?

Rosinha, do outro lado, refungou mais uma vez:

— Ora, nós já estamos velhos, Manué. É da vida. Dói, mas é da vida. Daqui a pouco sou eu, você (e chorou). “De que havia de ser? Pedro morreu de velhice!”

Manué Pião estava perplexo. Olhou para o calendário na outra parede, depois para o espelho. Só então percebeu que tinha muitas rugas no rosto. E que seus cabelos estavam branquinhos. Tão brancos que pareciam neve...